

O sr. Sebastião G. de Assumpção publicou nos dias 4 e 11 de julho dois artigos no **OPHIA** Comércio sob o título "Matéria e Espírito em Teilhard de Chardin". Os artigos clamam por comentários, porque o enfoque biológico do problema epistêmico e ontológico "matéria:espírito" tem a virtude de perturbar os nossos próprios conceitos. Sentimos, de maneira vaga, que a biologia não é uma avenida de acesso apropriada para este problema, e esta nossa sensação vaga é motivo da nossa desconfiança em sistemas explicativos como os de Bergson, Driesch, Teilhard e outros. Mas não podemos negar que o enfoque biológico e a filosofia biologizante vertem uma luz perturbadora sobre o problema. É possível que a nossa desconfiança se justifica pela confusão de planos de realidade que cometem os filósofos biologizantes. É possível que o plano de realidade chamado "vida biológica" não é uma plataforma indicada para o estudo do problema "matéria:espírito" que se dá no plano de realidade chamado "pensamento". Mas há por certo uma relação entre os planos que faz com que considerações biologizantes dos problemas do pensamento sejam de certa forma pertinentes. O sr. Assumpção aponta, de forma brilhante, várias dessas pertinências e exige nos debatamos com elas. O presente artigo procurará iniciar esse debate de vários pontos de vista.

A biologia é uma maneira de explicar o mundo. Como toda explicação, é ela uma cadeia de sentenças, um "discurso". O significado dos termos que a biologia emprega é o universo do seu discurso. Um intelecto que se empenha no discurso da biologia vê o mundo transformar-se em universo do discurso da biologia. Tudo passa a ser explicável biologicamente. Este é, com efeito, o característico de todos os discursos. Para a física, ou para a economia, por exemplo, o mundo passa a ser um universo do discurso físico, respectivamente econômico, e sistemas como o laplacismo e o marxismo o provam. Esses sistemas, como o de Teilhard, explicam literalmente tudo. Há uma luta antropofágica entre os discursos. Todo discurso tende a devorar e digerir os demais, para "cupera-los". A solução talvez seja a de traduzirmos constantemente os termos de um discurso para o outro, e conservarmos assim um ponto de vista independente. Porque não há critérios objetivos para preferirmos um discurso a outro. Não ser crítica formal: como seja consistência e fidelidade. Mas todos os discursos dados como exemplos são igualmente consistentes e fecundos.

O discurso da biologia é uma cadeia de sentenças que se inicia com determinadas perguntas. Essas perguntas começam pela palavra "para que?" na língua portuguesa. A biologia é uma explicação do mundo que procura responder a perguntas finalistas. A física, em contrário, é uma tentativa de responder a perguntas que se iniciam pela palavra "por que?", e é uma explicação causal do mundo. Por exemplo se digo "pedras caem para alcançar o chão" estou pensando biologicamente, e se digo "o gato caça o rato por causa de certos impulsos audia-visuais" estou pensando fisicamente. Ambas sentenças são perfeitamente legítimas nos seus respectivos universos do discurso. Mas temo a sensação de inapropriado. Preferimos sentenças como "pedras caem por causa da gravidade" e "gatos caçam ratos para alimentar-se". Esta nossa sensação de inapropriado é a causa da nossa desconfiança nos sistemas. As respostas que o sr. Assumpção formula ao problema "matéria:espírito" não da forma "pedras caem para alcançar o chão", isto é legítimas e vagamente inapropriadas. E têm o mérito de pôr em dúvida este termo "inapropriadas". Procurarei defender, provisoriamente, essa nossa sensação de inapropriado, para abandonar a defesa no fim do artigo.

COPIA

A segunda lei da termo-dinâmica, (que é uma sentença do discurso da física), afirma que o mundo tende de um estágio de organização para um estágio de caos. Esta tendência do mundo se chama "entropia". Se ligo dois recipientes, um contendo água quente, e outro, água fria, verificarei que, decorrido um certo tempo, terei água morna em ambos. A água morna é, se comparada com a fria, e quente, um estágio caótico, porque a organização molecular da água morna é mais difusa. O processo é irreversível. Não posso separar, na água morna, a quente da fria. Disse que, "decorrido um certo tempo", terei água morna. Com efeito, o tempo é a medida da decadência da organização em caos. "Tempo" e "entropia" são sinônimos, e "tempo" é o termo que designa a tendência do mundo para o caos. O tempo é irreversível, como a mistura da água, e o mundo, é finito no tempo, já que acabará no caos exemplificado pela água morna.

Existem, no entanto, ilhas no mundo nas quais o tempo se reverte. Essas ilhas tendem de um estágio de relativa desorganização para um estágio de organização crescente. A laranjeira citada pelo sr. Assumpção é um exemplo. É ela um processo, no qual algo relativamente desorganizado, como por exemplo, exigênia e sa litre, é transformado em algo relativamente organizado, como por exemplo folhas de laranjas. A verdade que, a laranjeira morrerá, isto é reverterá a um estágio relativamente desorganizado. A tendência geral do mundo não é negada pela laranjeira, e a segunda lei da termo-dinâmica continua funcionando. Mas enquanto vive a laranjeira, acontece exatamente o contrário, daquilo que deveria acontecer, se, dormos crédito a explicação fornecida pela física. Tendemos a concluir que a física não é uma explicação apropriada à laranjeira. Tendemos a concluir, com efeito, que a vida biológica é uma reversão do tempo físico, e que se dá portanto em plano ontológico diferente. A física não se rené. Firmará, possivelmente, que a segunda lei da termo-dinâmica articula uma tendência geral, a qual não exclui exceções estatisticamente previsíveis. Podemos, por exemplo, imaginar com Maxwell, que um demôniozinho se infiltra na ligação que estabelecemos entre a água quente e fria. Este demônio deixa passar da água quente apenas partículas frias, e da água fria apenas, partículas quentes. Decorrido certo tempo, teremos de um lado água ainda mais quente, e do outro, água ainda mais fria. Isto não invalidará a entropia. Mostrará apenas que há casos, raros e estatisticamente calculáveis, nos quais a entropia se reverte provisoriamente e precariamente. A vida biológica é um desses casos. A vida, pode ser, portanto, explicada fisicamente, e os cálculos probabilísticos lhe são apropriados. Mas é óbvio que o argumento é fraco. Não explica o surgir dos esquemas, em obediência aos quais, a vida organiza. Um milhão de macacos batendo um milhão de máquinas de escrever durante um milhão de anos poderão, é verdade, produzir a Divina Comédia, e é possível calcularmos essa probabilidade. Mas isto é uma explicação pouco satisfatória do fenômeno Dante. A biologia negará competência à física e passará ao contra-ataque. "Essa sua entropia", dirá talvez, "não passa de biologia disfarçada". Com efeito: introduz um elemento finalista na física toda. O mundo tem doravante meta, a saber, "a morte calorífica", como diz a ciência. O mundo tem, doravante, esquema, de acordo com o qual se desenvolve. É um esquema curioso, porque faz com que organização se perca, mas é um esquema não obstante. Todos os processos do mundo tem finalidade, que o termo "suicídio" designa de forma adequada. O mundo é explicável apenas biologicamente.

Continuemos seguindo o argumento da biologia, e verificaremos que o termo central "esquema". Isto, o sr. Assumpção salienta, perfeitamente. Os processos do mundo seguem esquemas. O mundo é uma realização progressiva de esquemas. O mundo se projeta. O que é um esquema? Toda uma nova ciência, a cibernética, surgiu recentemente para procurar responder esta pergunta. Darei uma resposta rudimentar e pouco satisfatória, sómente para poder prosseguir no meu argumento. Um esquema é aquele aspecto de um processo que permite formular perguntas finalistas. Por exemplo: se pergunto: "para que (servem) janelas?", pressuponho que a casa, da qual as janelas são parte, tem esquema. Um rescaponho que a casa é a realização de um projeto pré-concebido, um projeto possivelmente modificável no curso da realização, e que este projeto é a explicação da casa. Esse esquema de casa torna significativas as minhas perguntas da forma: para que serve isto ou aquilo na casa?

Na biologia, sendo uma explicação finalista, necessariamente deve pressupor esquemas em tudo. Os esquemas são um postulado do discurso da biologia, embora um postulado geralmente não consciente. Sendo postulado, não são discursíveis nesse próprio discurso. Quando a biologia descobre esquemas nos processos dos quais fala, descobre, com efeito, apenas a sua própria estrutura. O que está acontecendo nessa descoberta de esquemas na natureza, conta uma famosa parábola, como segue: Um cientista naufraga e salva-se numa ilha deserta. Para matar o tempo, diverte-se pela observação do ambiente. Descobre uma pegada na areia. Submete a pegada a um estudo apuro para reconstruir o ser que causou a pegada. Descobre, após trabalhos exaustivos, que esse ser era ele mesmo. Isto é, em resumo, a história da biologia. Como, alias, de toda disciplina explicativa. No caso da biologia a pegada descoberta chama-se "esquema". Em outras palavras o esquema é a gramática implícita no discurso da biologia.

O sr. Assumpção, seguindo as pegadas do sr. Teilhard de Chardin, (isto é seguindo o seu esquema), procura identificar o esquema com o espírito, e devo, portanto, desembocar, como o sr. Chardin, em teologia biologizante. O mundo tem arquitetura, a saber um espírito que pré-concebeu o seu esquema. Ao se realizar, o mundo não modifica o esquema progressivamente. A meta do mundo é a realização perfeita do seu esquema. Nesse estágio final todas as virtualidades do esquema terão sido transformadas em necessidades. Notem o que aconteceu. Na física tivemos um estágio final do mundo, que era o do caos. Obviamente, porque sendo a física uma explicação causal, parte da primeira causa e decai em direção do acaso. Na biologia temos um estágio final do mundo, que é a organização perfeita. Obviamente, porque sendo a biologia uma explicação final, parte da última razão e decai, inversamente, em direção do acaso. As "metas do mundo" são previsíveis pela gramática do discurso que procura explicar o mundo.

Se procurar identificar esquema com espírito, fez o sr. Assumpção o que a física faz ao procurar identificar os processos da vida com processos físicos sujeitos ao cálculo da probabilidade. Incorporou o termo "espírito", que é um termo do discurso da teologia, ao discurso da biologia. É perfeitamente legítimo, mas explica o espírito tão plausivelmente, quanto um milhão de macacos explica Dante. Parece que Hartmann tem razão: os níveis da realidade não podem ser confundidos, e as categorias de um não se aplicam significativamente a outro.

Neste ponto do argumento, abandono no entanto a defesa dos níveis. Porque o que me autoriza de falar em "níveis da realidade"? O fato de eu querer explicar o

